

REPRESENTAÇÕES DA PROSTITUIÇÃO FEMININA NA IMPRENSA ESCRITA: RESSONÂNCIAS DURKHEIMNIANAS

Fábio Lopes Alves¹

RESUMO: O presente estudo tem por objeto as representações da prostituição feminina contidas no discurso da imprensa escrita. O objetivo consiste em perceber como as representações coletivas traduzem a maneira como um determinado grupo – a imprensa escrita – se pensa nas suas relações com a prostituição feminina. Para tal, o artigo se estrutura da seguinte maneira: num primeiro momento cuida-se de compreender o conceito de representações coletivas a partir de Émile Durkheim. Posteriormente dialogando com outros sociólogos o fulcro de análise consistirá em perceber como imprensa produz representações coletivas com suas publicações. Ao final, num terceiro momento, analisa como a prostituição feminina tem sido representada na imprensa escrita

PALAVRAS CHAVES: Prostituição; Imprensa Escrita; Durkheim

Parece-nos pura evidência que a matéria da vida social não se possa explicar por fatos puramente psicológicos, quer dizer, por estados da consciência individual. Com efeito, as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam.

Émile Durkheim

INTRODUÇÃO

Seguindo a proposição de Émile Durkheim contida na epígrafe acima, ao invés de discutir a prostituição feminina por estados de consciência individual, o presente estudo tem por objeto as representações coletivas da prostituição feminina contidas no discurso da imprensa escrita. O objetivo consiste em perceber como as representações coletivas traduzem a maneira como um determinado grupo – a imprensa escrita – se pensa nas suas relações com a prostituição feminina. As fontes primárias são os jornais *Hoje* e *O Paraná*. O recorte espacial se limita a cidade de Cascavel – PR, enquanto o temporal fica compreendido entre 1976 e 1990. Esse recorte se justifica em função de este pesquisador dispor de um levantamento das matérias jornalísticas sobre esse assunto que foram publicadas nos referido jornais nesse período. A baliza inicial se justifica pelo fato de ser o ano de fundação do *Jornal O Paraná*, enquanto o ano de 1990 se explica por duas razões: primeiro, pela vasta quantidade de reportagens produzidas nessa década e disponíveis para análise, constituindo num corpus documental de 82 matérias jornalísticas – embora nem todas serão utilizadas no presente artigo. Segundo, em função de ser o último ano em que a cidade contava com dois periódicos. Uma vez que em 1991 surgiu o *Gazeta do Paraná* configurando o terceiro jornal.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, professor Assistente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, autor e organizador do livro *Representações Sociais em comunicação: fragmentos de história em histórias*, publicado em 2007 pela Editora Arte e Ciência – SP. Endereço eletrônico: fabiodu@hotmail.com

Para tal, o presente texto se estrutura da seguinte maneira: num primeiro momento cuida-se de compreender o conceito de representações coletivas a partir de Émile Durkheim. Posteriormente dialogando com outros sociólogos o fulcro de análise consistirá em perceber como imprensa produz representações coletivas com suas publicações. Ao final, num terceiro momento, analisa como a prostituição feminina tem sido representada na imprensa escrita.

O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES COLETIVAS SEGUNDO ÉMILE DURKHEIM

Émile Durkheim se constitui como um dos principais responsáveis pela consolidação acadêmica das Ciências Sociais. Não por acaso ele foi o pioneiro na docência universitária dessa disciplina. A soma desses dois fatores resulta no fato de ele ter deixado inúmeros herdeiros e seguidores intelectuais. Para situar seus pensamentos há como referências as revoluções Francesa e Industrial acrescido das discussões formuladas de teóricos como Saint-Simon e Comte. Dentre a gama de pressupostos constitutivos da atmosfera intelectual que a teoria durkheimniana nos oferece, nossos olhares se voltarão especificamente para a problemática das representações coletivas. Esta é apenas uma das diversas concepções difundidas por esse autor ao entender que a vida coletiva não é apenas uma imagem ampliada da individual, mas um ser distinto, mais complexo, e irredutível às partes que o formam. Esse seria, precisamente, o objeto próprio das ciências sociais, e seu estudo demandaria a utilização do método positivo, apoiado na observação, indução e experimentação, tal como vinham fazendo os cientistas naturais. Desse modo, as ciências da sociedade deveriam aspirar à formulação de proposições nomológicas, isto é, de leis que estabelecessem relações constantes entre fenômenos (QUINTANEIRO, 2002, p. 60-1).

No bojo da perspectiva durkheimniana a sociologia pode ser definida como a ciência das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento, ou seja, de toda crença, todo comportamento instituído pela coletividade. Para que a sociologia se tornasse uma ciência autônoma, entendia o autor que essa esfera do conhecimento precisaria delimitar seu objeto de estudo. Sendo assim, os fatos sociais se constituíram no campo de estudo dessa disciplina sendo definido da seguinte maneira:

É um fato social toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior ou ainda que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1983 b), p. 92-3).

Dessa forma o fato social é algo dotado de vida própria, externo aos membros da sociedade e que exerce sobre seus corações e mentes uma autoridade que os levam a agir, a pensar e a sentir

de determinadas maneiras. É por isto que o “reino social” está sujeito a leis específicas e necessita de um método próprio para ser conhecido (QUINTANEIRO, 2002, p. 62).

Decorre da perspectiva de Durkheim a interpretação que a sociedade não se constitui no resultado de uma mera somatória de indivíduos dotados de vida própria que a compõem, nem mesmo de uma mera justaposição de suas consciências. Logo, as ações e sentimentos individuais ao se associarem fazem nascer algo novo e exterior as consciências particulares e às suas manifestações. Portanto, a sociedade é mais do que uma soma, da mesma forma que não se encontra em cada um deles elementos de forma separada. Dessa maneira, entende-se que a coletividade possui uma mentalidade diferenciada dos indivíduos. Dito de outro modo, os estados de consciência coletiva se distinguem dos estados de consciência individual. Um pensamento pode ser encontrado em todas as consciências individuais e até mesmo um movimento ser repetido por todos, assim mesmo não se constitui em fato social, mas em encarnações individuais. A sociedade é constituída de fenômenos que tem sua origem na coletividade e não em cada um de seus participantes. É, portanto nela que deve objetivar explicações para os fatos sociais e não nas unidades que a compõem, pois

as consciências particulares, unindo-se, agindo e reagindo umas sobre as outras, fundindo-se, dão origem a uma realidade nova que é a consciência da sociedade. (...) Uma coletividade tem as suas formas específicas de pensar e de sentir, às quais os seus membros se sujeitam, mas que diferem daquelas que eles praticariam se fossem abandonados a si mesmos. Jamais o indivíduo, por si só, poderia ter constituído o que quer que fosse que se assemelhasse à idéia dos deuses, aos mitos e aos dogmas das religiões, à idéia do dever e da disciplina moral etc (DURKHEIM, 1975, p. 117).

Os estados de consciência coletiva são de natureza diferente dos estados de consciência individual; são representações de outro tipo. A mentalidade dos grupos não são as mesmas das particulares; tem suas leis próprias. São por essas razões que a vida social não pode ser explicada por estados de consciência individual, pois, são as representações coletivas que traduzem a maneira como um grupo se pensa nas relações com os objetos que os afetam (DURKHEIM, 1983 b), p. 79). Sendo assim as representações coletivas, se constituem numa das expressões do fato social que, como vimos acima, foi definido por tudo o que é produzido na e pela sociedade, ou, ainda, o que interessa e afeta o grupo de qualquer modo. Logo, as representações coletivas se constituem nas maneiras como a sociedade se representa a si mesma e ao mundo que a rodeia. Pois são essas representações que irão exprimir as diversas concepções, crenças morais etc., por exemplo: “Se ela condena certos modos de conduta, é porque entram em choque com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos esses que pertencem à sua constituição (DURKHEIM, 1983 b), p. 79).”

Considerando que as representações coletivas são vistas como um elemento primordial dos fatos sociais, Durkheim ao aludir como essas representações são construídas nos informa que elas se constituem no

produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa do que a do indivíduo, está aqui, portanto, como que concentrada. (DURKHEIM, 1983 a), p. 216)

Existe, portanto, na base das nossas opiniões e interpretação uma gama variada de representações essenciais que dominam nossa vida. São a partir dessas representações coletivas que se formam, por exemplo, as bases que originam os conceitos que são materializados nas palavras de uma comunidade.

Durkheim ao analisar com mais afinco as representações coletivas, toma por objeto de estudo as religiões, pois desde muito tempo os primeiros sistemas de representações que o homem fez do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Para ele as representações religiosas são representações coletivas à medida que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. No entanto como bem observou o autor, a análise desse conceito não se limita ao campo religioso (DURKHEIM, 1983 a), p. 211-2). Podendo evidentemente, ser aplicado a sociedade em geral.

A partir da perspectiva durkheimniana percebemos que no seio da sociedade através das representações coletivas os homens se compreendem, as inteligências se penetram, além de essa modalidade de representação ser dotada de tal força que é capaz de se impor aos indivíduos. É dessa situação que depende o fato de os indivíduos perceberem que acima das suas manifestações particulares existe uma série de noções, segundo a qual suas atitudes são reguladas.

Na ampla gama de possibilidades que se abre para o pesquisador das representações, este estudo recorreu ao sociólogo Emile Durkheim. A partir de agora, dialogando com outros sociólogos - ainda na esteira da perspectiva durkheimniana - o fulcro de análise consistirá em perceber como imprensa estimula as representações coletivas.

REPRESENTAÇÕES COLETIVAS: INTERLOCUÇÕES COM ROGER CHARTIER

É mister rever as contribuições do sociólogo francês Roger Chartier² que amplia o entendimento do conceito durkheimniano de representações coletivas. Chartier é um dos representantes da nova história cultural francesa que “tem por objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Ele entende que a história cultural pode ser compreendida a partir dos conceitos de práticas, representações e apropriações, pois, “na medida em que estes esquemas são incorporados, criam-se figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar inteligível e o espaço a ser decifrado” (CHARTIER, 1998, p. 16-7). Chartier nos alerta que tarefa dessa natureza supõe vários caminhos. De um lado, porque as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social, como categorias de percepção do real, onde o poder e a dominação encontram-se emaranhados. É por isso que as representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí a necessidade individual de relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. De outro, porque as representações não se constituem de discursos neutros, ao contrário, eles produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade à custa dos outros.

Ao conceituar representações, Chartier retoma Pierre Bordieu e atenta para as lutas de representações decorrentes no âmbito da história das mulheres, por exemplo.

Duradouramente, a construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto maior da história das mulheres é, pois, o estudo dos dispositivos, desenvolvimentos sob os múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos de ambos, *delas* e *deles*. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, longe disso, possíveis variações e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinos, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forçadas para garantir a dependência e a submissão (CHARTIER, 2002, p. 95-6).

Fundamentado em Arlette Farge, Chartier afirma que dar a ler as palavras dos atores não é nenhuma maneira de copiar o real. Por suas eleições, suas seleções, suas exclusões, o sociólogo

² Professor e Diretor de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Seus estudos concentram-se na importância da leitura na Europa moderna e explora a relação entre o texto e o leitor na era da informática. É autor, entre outros, de *A história cultural: entre práticas e representações* (Difel, 1998), *Práticas da Leitura* (Estação Liberdade, 1998), *Aventura do livro: do leitor ao navegador* (UNESP, 1998), *História da Leitura no mundo ocidental* (Ática, 1998), *A Ordem dos Livros* (UnB, 1998) e *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes* (EdUfrgs, 2002).

atribui um novo sentido às palavras que tira do silêncio dos arquivos (2001, p. 117). Ainda retomando Farge e acrescentando Michelle Perrot, segundo ele,

reconhecer os mecanismos, os limites e, sobretudo, os usos do consentimento é uma boa estratégia para corrigir o privilégio longamente concedido pela história às “vítimas ou rebeldes”, “ativas ou atrizes do seu destino”, em detrimento das mulheres passivas. Embora justamente a questão do consentimento seja totalmente central no funcionamento de um sistema de poder, quer seja social e/ou sexual (2002, p. 96).

No diálogo estabelecido com Bourdieu, fica claro como por meio das representações é possível compreender o *ser-percebido* que os indivíduos constroem e propõem para si ou para os outros.

a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela) (BOURDIEU, 1979, p. 536 apud: CHARTIER, 2002, p. 177).

Chartier também estabeleceu diálogo com Emile Durkheim e Marcel Mauss para que as representações coletivas fossem percebidas como verdadeiras instituições sociais³. Daí um duplo entendimento de que

representação consiste, por um lado, a possibilidade de se ver algo ausente. O que supõe, evidentemente, uma diferença entre aquilo que se representa e aquilo que é representado. Por outro, a representação é entendida como exibição de uma presença. Tal como a apresentação de algo ou alguém. A representação consiste num instrumento de conhecimento que permite que um objeto ausente seja percebido através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é (CHARTIER, 1998, p. 20).

Torna-se oportuno, portanto, recorrer a Chartier a fim de amparar esta discussão, pois, a partir desse entendimento durkheimiano, é possível estudar as representações (coletivas) da prostituta construída por aqueles que detêm o poder de classificar e nomear os representados (representações individuais). À guisa de exemplo das representações coletivas pensemos na produção do jornal. O periódico é um objeto cultural de valor reconhecido em nossa sociedade. Para

³ Segundo CARVALHO (2005) depreende-se desse retorno a Durkheim e Mauss, proposto por Chartier, uma preocupação do autor em equilibrar a balança entre estruturalismo e filosofia do sujeito. As citações de Bourdieu permitem enfatizar as funções políticas das representações, ou seja, a legitimação de uma ordem arbitrária, a sanção de um regime de dominação fundado no reconhecimento (inclusive na representação). As citações de Durkheim e Mauss enfatizam a função lógica e reguladora de significados das representações, isto é, a promoção da integração coletiva, permitindo maior atuação ativa dos indivíduos e grupos sociais.

sua produção são movimentadas algumas práticas, a assimilação de representações e apropriações culturais. Além disso, o leitor, a partir do momento em que se apropria do jornal, irá difundir novas representações e contribuir para a re-produção de novas práticas coletivas.

As práticas culturais que aparecem na construção do jornal são tanto de ordem autoral, por parte do repórter — isto é, modos de escrever, de pensar e de expor o que está sendo notícia —, como editorial, onde se expõe a perspectiva adotada pelo veículo no tocante a diversos temas da sociedade. Da mesma forma a materialidade do impresso se constitui numa prática cultural, pois, a preocupação de como o periódico será apropriado pelo público leitor, guia o pensamento do diagramador.

Ao discutir a temática da prostituição, o jornalista se propõe a escrever sobre esse assunto a partir de determinadas representações coletivas ou individuais que ele possui. Esse autor também poderá se tornar criador de novas representações coletivas, à medida que encontrar, no devido tempo, uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla. Com relação a este aspecto, sabe-se que a leitura também gera práticas criadoras, podendo produzir concomitantemente determinadas práticas sociais e representações coletivas. Será o discurso jornalístico lido de forma silenciosa? Em recinto privado? Em uma biblioteca? Em praça pública? Sabemos que sua leitura poderá ser individual ou coletiva, e que seu conteúdo poderá ser imposto ou rediscutido. Por fim, a partir da leitura e difusão do jornal, poderão ser geradas inúmeras novas representações sobre os temas que o atravessam e, em alguns casos, poderão fazer parte das representações coletivas.

Até aqui o interesse foi apresentar o conceito de representações, bem como mostrar como a imprensa é um órgão por excelência criadora de representações coletivas. A partir deste agora, o objetivo consiste em verificar de que maneira a prostituta foi representada pela imprensa escrita.

A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO FEMININA NA IMPRENSA ESCRITA

Na representação da prostituição feminina na imprensa escrita, a meretriz é vista como uma mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal no reforço da intimidade da casa. O discurso sobre o sexo foi formulado a partir de duas visões básicas e antagônicas entre si: de um lado, no universo da prostituição, reina a idéia de sexualidade doente e lugar de perversões; de outro, a do casamento, um espaço higiênico e único onde é permitido manter uma sexualidade sadia. Dessa forma, sobre as mulheres meretrizes incidiram os olhares que traziam explícitos a noção de sexualidade doente.

Magali Engel (2004), em estudo sobre a prostituição no Rio de Janeiro, revela que as imagens do cancro, da chaga, da úlcera, da gangrena e do vírus, freqüentemente utilizada para

identificar a prostituição, revelam um dos diagnósticos presentes no discurso: a prostituição como enfermidade do corpo, foco de infecção e ameaça contra a vida e a saúde. Na cidade de Cascavel - PR a perspectiva apontada pelo Jornal *O Paraná* foi de que seria “praticamente impossível erradicar o mal por completo. Poderá minorar o problema num local, mas ele acabará estourando em outras áreas da cidade. É como mal de câncer, ainda não tem cura” (POLÍCIA..., 1979, p. 3). “É nesse sentido que a prostituição espalhada pela cidade foi representada como um disseminador em potencial da sexualidade pervertida” (ENGEL, 2004, p. 74).

Em Cascavel, sobre a prostituta recaiu a representação coletiva de mulher portadora e transmissora de sexualidade doente. Nos periódicos, a ênfase do discurso foi representar as meretrizes como verdadeiras fontes e agentes de propagação da sífilis. Esse tipo de representação constituiu os fundamentos para a atuação da ação médica. Ao diagnosticar a prostituição como um perigo que se espalharia pela cidade, contaminando corpos e causando destruição, a sífilis foi comparada a epidemias como cólera, febre amarela, peste, entre outros, que levaria os portadores à morte. A ocorrência da sífilis trouxe importantes implicações na imprensa escrita, à medida que imediatamente tratou-se de discutir o assunto “identificando os culpados” e rapidamente “apontando soluções”, dentre elas a eliminação das mulheres prostitutas, por apresentarem riscos de contágio à sociedade.

No ano de 1977, os leitores do Jornal *Hoje* se depararam com uma edição cuja capa continha, como manchete principal, acompanhada de repetidas charges de corpos humanos com identidades não reveladas, a reportagem intitulada *Sífilis: 70% das prostitutas são doentes* (1977, p. 03). A representação foi realizada com o complemento de uma foto sem legenda, na qual é possível identificar a figura de um homem trabalhando num laboratório com um microscópio. Excetuando a publicidade de máquinas agrícolas, contida na parte inferior da página, toda a folha foi ocupada pelo texto que trazia de forma explícita a intenção de informar a população a respeito de uma doença que poderia levar à morte, sendo que as prostitutas eram representadas como as transmissoras em potencial.

A reportagem trouxe estatísticas não confiáveis, pois há divergências nos próprios dados – o que permite chegar a essa conclusão. Num primeiro momento, a partir de informações prestadas pelo responsável pela Seção de Costumes da Delegacia e por um bioquímico, a matéria afirma que 70% das prostitutas estão infectadas. Contudo, no mesmo parágrafo, a partir dos mesmos informantes, a estimativa seria de que 90% das meretrizes teriam contraído a doença. A reportagem definiu a doença da seguinte maneira:

Sífilis é uma doença infecciosa, crônica, e sistêmica causada pelo *Treponema lippidum* e geralmente transmitida pelo contato sexual. É capaz de produzir destruição de todos os tecidos e inflamação crônica em quase todos os órgãos do

corpo e pode-se exteriorizar por uma grande diversidade de manifestação clínica (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

Numa clara intenção de criar uma representação coletiva de que o universo da prostituição era o antro de contágio da doença, o texto jornalístico trouxe uma entrevista com um médico que visava alertar os leitores para o perigo da doença.

Num trabalho conjunto entre a unidade sanitária e as autoridades policiais, 94 exames sangüíneos foram realizados em mulheres que vivem na zona do meretrício e o resultado foi assustador 100 por cento das examinadas eram portadoras de sífilis, enquanto noventa por cento destas apresentavam infecção vaginal (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

A informação torna evidente que, mesmo com o reconhecimento dos males que a doença poderia causar, não havia na cidade programas de combate à infecção. Além do mais, acresce-se o fato de os postos de saúde não realizavam exames de sangue, ficando sob responsabilidade do cidadão o contrato de serviços médicos particulares, caso quisesse efetuar tratamento. Em verdadeira crítica ao poder público local, a matéria fez alusão à maneira como o erário público americano enfrentou a doença.

Nos Estados Unidos, no ano de 1947, a sífilis preocupou de tal forma as autoridades sanitárias, que um programa foi levado a efeito visando reduzir o alto índice existente. Nesse ano, 108 mil casos de sífilis primária e secundária foram relatados ao Serviço de Saúde Pública, enquanto que mediante tratamentos aperfeiçoados e rápidos, provas sangüíneas em massa, em 1955 houve somente um relato de 6.500 casos (SÍFILIS..., 1977, p. 11).

A editoria não informou ao longo do texto a fonte dessa informação e dos dados estatísticos americanos, mas, ficou explícito que a crítica era dirigida ao controle sanitário municipal em função da falta de um programa para esse fim. Nessa postura ideológica foi feito um elogio à cidade de Curitiba que oferecia às meretrizes os devidos tratamentos.

Em meados da década de 1980, com o objetivo de gerar medo generalizado – representação coletiva - na população, o Jornal *Hoje* publicou a manchete intitulada “*Confirmada a existência de aids em cascavel*”, trazendo como subtítulo: *polícia fecha três bordéis na Rua Erechim* (CONFIRMADA.....,1985, p.01). Neste caso são duas informações distintas, mas que aparecem relacionadas justamente para dirigir o pensamento do leitor no sentido de que as prostitutas teriam sido responsáveis pela propagação do vírus da aids. Conforme nos mostra Foucault (1988), no tocante ao medo que esses discursos objetivaram passar a seus leitores, eles são involuntariamente ingênuos em alguns casos. Contudo, mentiroso nos mais freqüentes. Essa medicina instaurou toda uma licenciosidade do mórbido, característica do final do século XIX. Mas, além desses dúbios

prazeres, esse discurso reivindicava outros poderes de representação. Pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social. Assim como visava eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, essa medicina justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentavam como “verdade”.

Ao abrir o periódico, segunda página, a matéria que foi aludida na capa aparece com o título: *Cuidado com a loira. Ela está com Aids.*

O que era apenas uma suposição agora é realidade em Cascavel. Existe pelo menos uma pessoa na cidade acometida de Aids, a temível Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Trata-se de Maria Rosana Branev, uma bonita loira, 1,70 metro de altura, cabelos curtos e olhos verdes. Esta mulher foi vista “fazendo ponto” na Avenida Brasil e tão logo a polícia levantou suspeita, não foi mais possível localizá-la. No entanto, existe informação de que a mesma continua na cidade (CUIDADO..., 1985, p. 02).

É interessante observar como foi representado com destaque à beleza dessa mulher que era suspeita de estar com o vírus. Contudo, é preciso observar que o jornalista reuniu duas informações num mesmo espaço: de um lado, essa mulher que possivelmente estaria contaminada com o vírus; de outro, o fechamento de alguns bordéis. Essas casas de prostituição estavam localizadas na Rua Erechim e se encontravam nas proximidades da então rodoviária. A razão para o fechamento foi o fato de esses ambientes terem alvará de funcionamento para atividade de bar, quando, na verdade, eram bordéis “clandestinos”. Provando que tal fechamento nada tinha a ver com AIDS, a reportagem afirmou que o delegado abriu sindicância por entender que a prática do ato de se prostituir contrariava a moral e os bons costumes. Para essa autoridade, prostituir-se naquele espaço era desrespeitar os populares que transitavam pelas ruas.

Esse fato foi noticiado pelo jornal *O Paraná*. Contudo, ao contrário do periódico *Hoje*, a mulher foi descrita como morena. O que chama a atenção nesse caso é a mulher ter sido procurada, pois, segundo o jornal caso ela fosse encontrada seria detida em flagrante por “perigo de contágio e moléstia”.

A moral e os bons costumes foram os motivos que levaram ao fechamento de diversas casas de prostituição e prisão de várias mulheres. É curioso como os jornais se apropriaram desse fato e representaram-nos para seus leitores (coletivamente) com outro sentido: o sentido do medo. Essas reportagens temerosas sobre a sexualidade da prostituta podem ser incluídas no que Michel Foucault (1988) considerou como *Scientia Sexualis*, visto que esses discursos apareceram em nome da ciência, quando na verdade sempre estiveram subordinadas aos interesses de uma moral, por meio de normas médicas. Esse tipo de discurso acabou provocando medo generalizado à medida

que atribuía às prostitutas a responsabilidade por vários tipos de males que assolavam a população, males estes que nem sempre tinham a ver com o universo da prostituição.

Verifica-se que a imprensa se dedicou no tocante à prostituição feminina, em criar mecanismos de controle nos diferentes aspectos da vida cotidiana: ora ela utilizou a repressão policial, ora, outros caminhos foram criados para se exercer esse poder de controle. Foi na elaboração de outros caminhos que o discurso com as falas médicas se tornaram importantes ferramentas de repressão contra essas mulheres consideradas “marginalizadas”.

Quando a moça não luta contra o policial, tem de enfrentar o médico. Sua vida é um combate permanente para poder começar a exercer suas atividades a cada dia. Do lado de fora, o medo das batidas, dentro do corpo o espectro da sífilis. A doença a assombra e obceca. Não que ela tenha medo, pois sabe viver com ela, mas a prostituta conhece suas conseqüências: enclausuramento no posto de saúde quando a doença é descoberta (ADLER, 1991, p. 189).

Essa não é apenas a realidade da prostituta parisiense na virada do século XIX para o XX, com relação à sífilis. É possível que esse mesmo enclausuramento apontado por Adler (1991) tenha contribuído para que “100% das 94 prostitutas cascavelenses, que fizeram o exame sanguíneo” (SÍFILIS..., 1977, p. 11) e souberam que eram portadoras da infecção vaginal, desistissem de continuar o tratamento. Além disso, quando a sífilis e a AIDS se tornaram objeto de discurso jornalístico, elas não foram representadas apenas como doenças, mas como uma ameaça que assolava a sociedade em função da imoralidade que prostituição representava. Essa concepção se fundamentava em função de essas doenças serem vistas pela imprensa como um problema de imoralidade, mais precisamente das prostitutas. Essa é uma das razões de as meretrizes terem sido incluídas no rol de pessoas “impuras” da sociedade e que deveriam ser banidas pelo poder público. Vale ressaltar que o projeto modernizador do espaço urbano de Cascavel não comportava em sua vitrine de aparências, a figura de indesejáveis que ameaçavam a “saúde da cidade”.

Em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo as discussões sobre a sífilis tinham como pano de fundo a regulamentação ou não da prostituição, já que essa atividade estava diretamente ligada à proliferação da doença. Portanto, se controlassem a prostituição estariam obviamente controlando a disseminação da doença⁴. O contrário ocorreu em Cascavel: a imprensa não discutiu explicitamente a polêmica no sentido de regulamentar ou eliminar a atividade, apenas visou usar o mote dessas doenças para relacioná-las ao mundo da prostituição. A sífilis foi vista como um produto da

⁴ Para maiores detalhes de como essas cidades lidaram com esses problemas vide: RAGO, Margareth, **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004; SOARES, Luiz Carlos. Da necessidade do bordel higienizado: tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Estes autores abordam a questão regulamentaristas e anti-regulamentaristas da prostituição mostrando que ambas as idéias objetivavam o controle das doenças através do ataque a prostituição.

prostituição; foi considerado um mal que estava em expansão e que deveria ser resolvido pelas autoridades competentes.

A DISCIPLINARIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES NO DISCURSO JORNALÍSTICO

No tocante à sexualidade, percebe-se que a imprensa atuou sobretudo no corpo da mulher. Corpo este que foi descoberto como um local privilegiado de representação para se exercer o jogo de poder, desejo, prazer. No caso do corpo da mulher prostituta, ele foi visto como algo que precisaria ser controlado, domesticado, disciplinado e vigiado.

Uma das características da sociedade disciplinar é a distribuição dos indivíduos no espaço e a vigilância é uma das ferramentas utilizadas como um instrumento do controle dessa distribuição. Um exemplo dessa atuação é a busca do controle de atividades por intermédio do horário, já que, controlando o tempo, estabelece-se censuras, regulamenta-se o horário para determinadas práticas etc. Em Cascavel, no tocante à regulamentação do espaço, verifica-se que essa sociedade disciplinar tentou fazer do centro da cidade um espaço onde os marginalizados não pudessem permanecer. À guisa de exemplo, encontra-se a seguinte manchete do Jornal *O Paraná: Um bordel em pleno Parque São Paulo* (1977, p. 02). Essa reportagem faz alusão a uma queixa-crime, registrada na Delegacia de Polícia contra os proprietários do Bar Nossa Senhora Aparecida. A justificativa da denúncia se deu em função de o bar contrariar a moral, ordem e perturbação da paz, uma vez que nesse ambiente eram realizados encontros considerados como amorosos pelo denunciante.

Fui na semana passada até a Delegacia de Polícia de Cascavel e registrei queixa, pois não se pode mais dormir nas proximidades do Bar Nossa Senhora Aparecida, cujos proprietários usam esse nome apenas para enganar as autoridades, pois na verdade ali são promovidos encontros amorosos e outros atos que ofendem a moralidade e perturbam a paz, principalmente dos vizinhos. [...] até altas horas da noite diversos carros públicos, tanto da prefeitura de Cascavel quanto do Estado, além de outros de firmas renomadas da cidade, ficam estacionados à frente do bar com seus ocupantes promovendo verdadeiro carnaval, com jogatinas, gritos, músicas, bebedeiras e outros tipos de perturbação ao ambiente familiar que há no Parque São Paulo e que está sendo quebrado por elementos que parecem não reconhecer as leis (UM BORDEL..., 1977, p. 02).

É interessante observar como tanto o denunciante em sua entrevista, quanto o Jornal, por meio do título, remetem-se à idéia de que o que mais preocupa é o fato de um bordel estar situado no bairro Parque São Paulo – região central da cidade, o que deixa explícita a tentativa de disciplinar a atividade, o horário e o espaço das prostitutas que atuavam em local familiar. Segundo Michel Foucault (1987),

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (p. 143).

No caso da imprensa cascavelense, o exercício da disciplina sobre os corpos prostituídos se deu com a publicação de discursos que permitiam dar visibilidade à prostituta. Todavia, em troca, esses corpos passaram a ser vigiados e controlados. A sexualidade da meretriz foi vista como algo que podia manipular, modelar e treinar com vistas a ser um corpo obediente às normas e técnicas impostas.

Essa disciplinarização teve um claro objetivo de eliminar ou diminuir o índice de prostituição na cidade. Com esse intuito, algumas mulheres foram presas por essa prática. Quando a prostituição era realizada na área central, o Jornal *O Paraná* insistia em criticar essa atividade no centro da cidade.

“Mais três mulheres que realizavam *trottoir* na Avenida Brasil encontraram em cana Salete Rodrigues, Geni Serafim e Maria de Oliveira. A campanha iniciada pela equipe Volante vai continuar até por uma fim à prostituição em pleno centro da cidade” (NOTAS..., 1976, p. 16).

Levando adiante o plano de combate ao *trottoir* em nossa cidade, os elementos lotados na Delegacia de Polícia estão envidando os maiores esforços no sentido de coibir a proliferação de mundanas em ruas da cidade. [...] ações como esta a polícia local irá desenvolver constantemente nas ruas da cidade, o que também será extensivo aos bairros, onde a prostituição está alcançando índices assustadores, coibindo em parte este problema social que tanto aflige os cascavelenses (POLÍCIA..., 1977, p. 04).

A prostituta segundo a imprensa, atrapalhou o projeto de civilização. “No momento em que Cascavel parece caminhar para o encontro da civilização os inferninhos clandestinos que outrora muitos problemas trouxeram começam a ser reativados” (BOCAS..., 1980, p. 06). Além de atrapalhar o projeto modernizador da cidade, a prostituição foi vista como uma sujeira que precisava ser limpa. “A polícia cascavelense, através da ronda especial, vem realizando uma limpeza em nossa cidade, para terminar com as meretrizes que infestam o centro da Cascavel” (NOTAS POLICIAIS..., 1980, p. 05). Em outra matéria afirmou-se “A polícia Militar de Cascavel tem efetuado operações de “limpeza” na rodoviária de nossa cidade, detendo elementos suspeitos e prostitutas que transitam pelo local” (LIMPEZA..., 1984, p. 08). Ao se ocupar do espaço público para sua aparição, a prostituta foi considerada um escândalo para as pessoas “de bem”.

A ronda intensiva levada a efeito pelos elementos de nossa polícia, pelo centro e bairros da cidade vem surtindo seus efeitos, principalmente no combate ao “*trottoir*”, já que o antigo problema social vinha ganhando proporções alarmantes, escandalizando as pessoas de bons princípios, que não mais podiam sair as ruas para um passeio (COMBATE..., 1978, p. 02).

Até mesmo das festividades públicas as prostitutas estiveram “impedidas” de participar. No carnaval de 1983 a polícia realizou a “operação Rei Momo”, na qual, em nome da necessidade de garantia e tranqüilidade para os foliões, realizou diversos arrastões na cidade. Na ocasião, foram detidas 80 pessoas para averiguação, enquanto outras foram recolhidas por vadiagem. Segundo *O Paraná* foi realizada uma revista completa nas principais casas de tolerância da cidade. A razão dessa atitude era a preocupação com o deslocamento das meretrizes para o centro da cidade (POLÍCIA..., 1983, p. 01).

De acordo com Michel Foucault (1987), em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõe limitações, proibições ou obrigações. No tocante aos diversos métodos disciplinares destinados ao controle dos corpos, é possível destacar três que figuram como principais, a saber: em primeiro lugar, tem-se a *escala* do controle, na qual não se busca mais cuidar do corpo em massa, mas, sim, de lapidá-lo detalhadamente, e exercer sobre ele uma verdadeira coerção. Em seguida verifica-se o *objeto* do controle em que a coerção é exercida, mais sobre as forças que sobre os sinais. E por último a *modalidade*, que implica numa coerção ininterrupta visando o esquadramento ao máximo do tempo, espaço e movimentos. Dessa forma a disciplina fabrica corpos submissos e dóceis. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

CONCLUSÃO

Ao longo do texto pôde-se perceber as diferentes formas utilizadas de representações coletivas sobre as prostitutas. Valendo-se de algumas análises em torno do cotidiano da meretriz, a imprensa compôs um perfil para essas mulheres, representando-as como mulheres públicas, doentes, infelizes, pobres, desgraçadas, seres de corpos comparáveis à podridão e etc. Dito de outro modo, o corpo da prostituta foi representado como um verdadeiro foco de imoralidade.

A partir dessa discussão percebeu-se também como a imprensa teve o objetivo de transformar “transgressões sociais” em representações coletivas de delitos criminais. Sabe-se que a prostituição, em si, constitui-se em uma “transgressão da moralidade”. Todavia, tal prática não se constitui num ato criminoso sujeito à punição, levando-se em conta o Código Penal. Mas, ao que se

percebe neste estudo, é que os jornalistas atribuíam às transgressões o *status* de delito. Tal estratégia pretendia mobilizar os leitores com vistas a buscar medidas saneadoras, de caráter moral. Dessa maneira, para os jornalistas, crime era toda a circunstância que levasse à perda da virtude do indivíduo, ou seja, o delito não era caracterizado por critérios jurídicos, mas, sim morais.

A descrição dos tipos femininos estampados nos periódicos separa as “mulheres prostituídas” das consideradas “mulheres normais”, a partir de uma representação coletiva, cujo imaginário tem como modelo a Virgem Santíssima. São, portanto, dois modelos construídos a partir de realidades distintas, com situações diversificadas. À “mulher normal” cabe a maternidade, que lhe rende a concepção de “rainha do lar” e, ao mesmo tempo, atesta-lhe certa autoridade sobre a casa, filhos e família, pois, para ela, cabe o espaço privado. Por outro lado, as prostitutas são identificadas como “Eva, a serpente de Gênesis”, sedutora e causadora da queda do homem; uma criatura dotada de capacidades malévolas; mas, mesmo diabólica, passível de adestramento. Denota-se, a partir disso que, dentro do próprio contexto feminino, houve uma demarcação entre o público e o privado.

Embora os limites espaciais deste estudo se concentrem na cidade de Cascavel-PR, a representação negativa da prostituta por parte da imprensa local não é uma particularidade, visto que essa postura moralista pode ser percebida, de uma maneira geral, em todos os lugares, em todas as mídias, como nos provam outras pesquisas dessa natureza⁵.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses, 1830-1930**. Tradução Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1960)** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BOCAS. **Jornal O Paraná**. Cascavel, sexta feira 11 julho 1980.

⁵ CARELI, Sandra da Silva. **Texto e contexto: virtude e comportamento sexual adequado às mulheres na visão da imprensa Porto-Alegrense da segunda metade do século XIX**. 1997, 303 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: EdUnisinos, 2004.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina 1930-1960)** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: prostituição em Florianópolis (1990-1940)**. Florianópolis: EdUfsc, 2004.

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: Critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARELI, Sandra da Silva. **Texto e contexto**: virtude e comportamento sexual adequado às mulheres na visão da imprensa Porto-Alegrense da segunda metade do século XIX. 1997, 303 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1998.

_____. A história entre a narrativa e o conhecimento. In: CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

_____. Uma crise na história? A história entre a narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Revista Diálogos**. Maringá. v. 09. n 01. p. 143-165, 2005.

COMBATE ao “trottoir”: mais oito mulheres detidas. **Jornal O Paraná**. Cascavel, 12 fev. 1978.

CONFIRMADA a existência de aids em Cascavel: polícia fecha três bordeis na Rua Erechim. **Jornal Hoje**. Cascavel. 31 ago. a 06 set. 1985.

CUIDADO com a loira. Ela está com AIDS. **Jornal Hoje**. Cascavel. 31 ago. a 06 set. 1985.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

DURKHEIM, Émile. A Sociologia em França no século XIX. In: _____. **A ciência social e a ação**. Tradução de Inês D. Ferreira. São Paulo: Difel, 1975.

_____. As formas elementares da vida religiosa. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In: _____. **Durkheim** (Os pensadores). Seleção de textos: José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1983. a).

_____. As regras do método sociológico. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In: _____. **Durkheim** (Os pensadores). Seleção de textos: José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1983. b).

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes: 1987.

LIMPEZA na rodoviária. **Jornal O Paraná.** Cascavel, 16 fev. 1984.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico.** São Leopoldo: EdUnisinos, 2004.

MULHER portadora da AIDS estaria em nossa cidade. **Jornal O Paraná.** Cascavel. 31 ago. 1985.

NOTAS POLICIAIS: mundanas. **Jornal O Paraná.** Cascavel, 6 ago. 1976.

NOTAS POLICIAIS: mundanas. **Jornal O Paraná.** Cascavel, sexta feira 11 jul. 1980.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.** Florianópolis: EdUfsc, 1994.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: prostituição em Florianópolis (1990-1940).** Florianópolis: EdUfsc, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EdUsc, 2005.

POLÍCIA combate o trottoir. **Jornal O Paraná.** Cascavel, 13 jul. 1977.

POLÍCIA fecha prostíbulos. **Jornal O Paraná.** Cascavel. 9 jan. 1979.

POLÍCIA inicia a “operação Rei Momo”. **Jornal O Paraná.** Cascavel, 6 fev. 1983.

QUINTANEIRO, Tânia. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de; OLIVEIRA; Maria Gardência de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** Belo Horizonte: EdUfmg, 2002.

RAGO, Margareth, **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RODRIGUES, José Albertino. (Org). **Durkheim: Sociologia.** São Paulo: Ática, 2006. (Col. Grandes Cientistas Sociais, vol, 01).

SÍFILIS: 70% das prostitutas são doentes. **Jornal Hoje.** Cascavel. 22 a 28 jan. 1977.

SOARES, Luiz Carlos. Da necessidade do bordel higienizado: tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **História e sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

UM BORDEL em pleno Parque São Paulo. **Jornal O Paraná.** Cascavel, 24 nov. 1977.